

CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NA DIALOGIA DA IN/EXCLUSÃO SOCIAL: ESTADO DA ARTE

Nara Rosane Machado de Oliveira¹

Claudete Silva Lima Martins²

Francéli Brizolla³

Resumo:

O presente estudo foi desenvolvido durante o processo de formação continuada, *stricto sensu*, no Mestrado Acadêmico em Ensino (MAE/UNIPAMPA). A justificativa para a realização desta pesquisa foi a necessidade de se ter uma visão geral do que vem sendo produzido sobre os processos de in/exclusão social e a metodologia da sociopoética, para identificar a evolução das pesquisas e identificar a construção e reflexão dos conceitos de in/exclusão social. O objetivo geral da pesquisa foi realizar um levantamento da produção acadêmico-científica sobre as construções dos conceitos de inclusão e exclusão social e da metodologia sociopoética. A metodologia utilizada foi a análise documental para revisão bibliográfica, tendo como instrumentos de coleta de dados o Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES e o Portal Scielo. Concluímos que não estamos sozinhos, que é preciso discutir e pesquisar na área da in/exclusão social e suas implicações no contexto escolar e que o uso da metodologia da sociopoética, no âmbito da educação, representa um caráter inovador.

Palavras-chave: in/exclusão social, sociopoética, inovação na educação

Modalidade de Participação: Pesquisador

CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NA DIALOGIA DA IN/EXCLUSÃO SOCIAL: ESTADO DA ARTE

¹ Aluno de pós-graduação. profenarita@gmail.com. Autor principal

² Docente. claudeteslm@gmail.com. Co-autor

³ Docente. franbrizolla@gmail.com. Orientador

CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NA DIALOGIA DA IN/EXCLUSÃO SOCIAL: ESTADO DA ARTE

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido durante o processo de formação continuada, *stricto sensu*, no Mestrado Acadêmico em Ensino(MAE/UNIPAMPA) e apresenta a investigação acerca das construções dos conceitos de in/exclusão social e da metodologia sociopoética.

Iniciamos nosso diálogo teórico pelo caminho trilhado na construção dessa pesquisa ou, quem sabe, poderíamos dizer um dos caminhos da pesquisa que nos constituirá e reconstruirá muitas das inferências, crenças e conhecimentos que trazemos sobre o que, até então, pensamos ser uma das muitas possibilidades de “inclusão social” que podem se refletir em exclusões, preconceitos, discriminações.

Segundo Ferreira (2002) as pesquisas conhecidas pela denominação de “estado da arte” ou “estado do conhecimento” são:

Definidas como de caráter bibliográfico (...) parecem trazer em comum o desafio de mapear e discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002, p. 258)

A partir dessas premissas de estudo e de uma dificuldade latente que temos em compreender educação sem inclusão, pensada como caminho e processo, como preconiza Mittler (2001, p. 61), “a inclusão é um caminho a ser trilhado, mais do que um destino, um processo mais do que um objetivo a ser atingido” e que por sua complexidade nos proporciona uma riqueza ininterrupta e crescente de saberes, compreensões e significados, passamos a refletir sobre o número expressivo de estudantes, em tenra idade e em plena adolescência efervescente, que deixam os bancos escolares.

Compreendemos, enquanto educadores, que se faz necessário ir além. Percebemos cotidianamente que incluir não pode somente restringir-se a aceitar, incorporar, mas vivenciar, perceber potencialidades, trazer para o meio educacional e criar modos, maneiras e circunstâncias para permanência de todos os sujeitos sociais. Precisamos contextualizar e problematizar o próprio objetivo da educação escolar, das concepções de ensino, pois se faz necessário que tenhamos mais claro em nossas mentes que os professores não podem ser simplesmente culpabilizados pelo caos de uma educação pautada, há décadas, em “transmissão de conhecimento acumulados pelos professores”, mas quem sabe possamos partir do potencial de aprendizagem que os estudantes trazem consigo, com suas leituras de mundo, com suas vivências.

Em um caminho com muitas ansiedades, inquietações e a determinação de construir uma pesquisa que possa contribuir com a comunidade que vai sediá-la, bem como com toda a comunidade acadêmica, dada a importância de suas propostas de discussões, a pesquisadora, já uma caminhante de outras metodologias de pesquisa e insatisfeita com algumas abordagens mais clássicas de pesquisa, muitas vezes limitadas pelo o que os entrevistados dizem e muito curiosa com a possibilidade de novas descobertas decidiu fazer caminho e andar por trilhas pouco conhecidas. Desta forma quer trabalhar com a metodologia da sociopoética (GAUTHIER, 2012):

A sociopoética é uma abordagem de pesquisa em ciências do ser humano e da sociedade, enfermagem e educação, com possibilidades de aplicação no ensino e na

aprendizagem, que segue cinco orientações básicas: a) instituição do dispositivo do grupo-pesquisador; b) a valorização das culturas dominadas e de resistência; c) os sociopoetas pretendem pensar, conhecer, pesquisar, aprender com o corpo inteiro; d) sociopoetas colocam em jogo capacidades criadoras que mobilizam o corpo inteiro e revelam fontes não conscientes de conhecimento; e) os sociopoetas insistem na responsabilidade ética, política, no ética e espiritual do grupo-pesquisador, em todo momento do processo de pesquisa. (GAUTHIER, 2012, p. 73-75)

Dessa ideia macro que temos de inclusão, de educação que contemple a todos com qualidade, uma vez que entendemos que as oportunidades que um sujeito recebe podem fazer verdadeiramente diferença em sua trajetória de vida e a inquietação por um novo caminho metodológico, nosso objetivo é investigar nos bancos e catálogos de pesquisas já realizadas e publicadas, os caminhos que outros pesquisadores tem tomado nas searas da in/exclusão social e da sociopoética.

2 METODOLOGIA

Este estudo está organizado como uma pesquisa do tipo pesquisa bibliográfica (BOGDAN, BIKLEN, 1994). Foram instrumentos de pesquisa o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes¹ e os Periódicos do Portal Scielo², onde inicialmente foram analisados os títulos dos trabalhos, logo após os resumos e, por fim, o trabalho inteiro.

Trabalhamos com cinco anos de referência compreendidos entre 2012 a 2016, para esse trabalho selecionamos as dissertações e artigos qualificados por *qualis*.

Para as buscas foram utilizados descritores de busca, tais sejam: “concepção de inclusão social”; “concepções de inclusão social e a educação”; “concepções de inclusão social implicações no ensino”; “concepções de inclusão social escola para todos”; “sociopoética”.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Inicialmente, para cada um dos descritores, os números impressionam pela quantidade de produções identificadas, muitas para cada um dos descritores utilizados, a exceção do descritor “sociopoética”, que para os anos de referência de nossa busca apresentou somente 104 (cento e quatro trabalhos) dos quais somente 04 (quatro) na área de educação.

Ao refinarmos a pesquisa, percebemos a importância de dialogar com outros pesquisadores e, ao final dessa caminhada, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES observamos 271 títulos, uma vez que de acordo com Ferreira (2002, p. 261), “todos os títulos (...) devem ser temáticos e expressivos, ou seja, devem dar a ideia a mais exata possível do conteúdo do setor que intitulam”. A partir dos títulos, exploramos 178 resumos, que em virtude do “crescimento da literatura científica [transformaram-se] em instrumentos indispensáveis (...) à atividade de busca bibliográfica” (GARRIDO *apud* FERREIRA, 2002, p. 262), o que nos proporcionou a seleção de 03 dissertações com quem passamos a dialogar, uma vez que nos trazem um panorama bastante heterogêneo e ampliam nossa visão sobre nossas inquietações de pesquisadora.

De acordo com Silva (2016a), em sua dissertação “Currículo e formação integral do estudante no cotidiano escolar”, a escola é apresentada como instituição social promotora do conhecimento e como principal responsável para formação do cidadão; alerta que urge à

¹ Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso: 02 nov. 2017.

² Portal Scielo. Disponível em: <http://www.scielo.org/php/index.php>. Acesso: 02 nov. 2017.

escola refletir suas práticas pedagógicas, suas metodologias de ensino e, principalmente, sobre o perfil de cidadão desejado. A formação integral como forma de incluir a todos no processo de ensino-aprendizagem.

Raimundo (2017), em sua dissertação “O direito a educação inclusiva”, apresenta uma perspectiva legal sobre educação e programas sociais relacionados a populações menos favorecidas. Segundo o autor, quando se trata de educação e outros direitos sociais, as leis não são obedecidas a contento e a própria Constituição (1988) não se concretiza. Como consequência principal, o autor revela o fato de que soluções educacionais e programas sociais de vulto se perdem na burocracia brasileira, no desgaste e embate político partidário, uma vez que muitos de nossos representantes, assentados no Congresso Nacional e nos Poderes Executivos e Legislativos de todas as esferas não permitem que tais programas fluam em razão de não angariar os méritos de suas execuções e/ou ideias de criação.

As descobertas do autor nos permitem perceber o quão complexas são as relações das políticas públicas que deveriam facilitar as vidas das pessoas, sobretudo, no quesito educacional inclusivo, entretanto, muitas vezes somente fazem dificultar. Exemplo típico estamos passando com o atual governo do Estado do Rio Grande do Sul que, neste ano de 2018, mandou fechar escolas públicas, sob alegação da “crise financeira”, bem como há meses paga os salários dos servidores da educação com atraso e/ou em forma de parcelamento.

Em uma outra perspectiva de diálogo, e única dissertação sobre nossa inquietação metodológica, encontramos Silva (2016b) que em sua dissertação intitulada “‘Manobras’ educativas: sociopoetizando o aprender em movimento com skatistas do litoral do Piauí”, nos coloca diretamente em contato com nossa metodologia, apresenta-nos um grupo de skatistas e suas juventudes identitárias, além de colocar-nos diretamente em diálogo com processos visíveis de in/exclusão social, sem mencionar uma palavra sequer sobre a temática.

Silva (2016b), de forma generosa, compartilha seu fazer metodológico, expressa de forma quase lúdica as emoções e sentires que a metodologia pode proporcionar e deixa muito claro o rigor, a técnica e a ética de pesquisa que se apropria da sociopoética enquanto caminho metodológico. Ainda, segundo a autora, as subjetividades e expressividades juvenis apontam sempre para um aprender cheio de intensidade e alegria. A prática do skate, discriminada por muitos, possibilitou à pesquisadora a compreensão de que seus praticantes o fazem por esporte e lazer, e nessa relação divertida proporcionam uma possibilidade de se pensar novas práticas que foquem na experiência como forma de aprender, um modo de criar espaços educativos mais críticos. Inferimos, enfim, com a autora que os espaços de aprendizagem são múltiplos e que a escola pode e deve aproveitar-se disso, bem como que a metodologia guarda em si muito aprendizado.

Com o estado da arte da pesquisa realizado, até este ponto, fomos nos apropriando de possibilidades e da beleza que o diálogo de pesquisa pode proporcionar.

Ao adentrarmos no Portal Scielo, observamos e nos apropriamos de mais 39 títulos e seus resumos. Um conversar verdadeiramente com teóricos do mundo inteiro, nos escritos de pesquisadores brasileiros. Nesse caminho, selecionamos 4 artigos com quem dialogamos.

No artigo “O papel do diretor de escola na implantação de uma cultura educacional inclusiva”, publicado na Revista Psicologia: Ciência e Profissão, as professoras (SILVA; LEME, 2009) da Universidade de São Paulo nos apresentam a importância da gestão para uma escola democrática e inclusiva. Segundo as autoras, uma educação que se queira inclusiva em uma escola também inclusiva, deve principiar por uma democratização da sua gestão, uma vez que entendem ser estreita a relação entre gestão/educação/escola.

Inferimos com as autoras que uma escola que apresente uma gestão imbuída de ouvir e construir com sua comunidade escolar tem probabilidade de obter êxito em ser inclusiva para além do recebimento de pessoas com deficiência.

No artigo “Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio”, publicado na Revista Psicologia Escolar e Educacional, as autoras (CORDEIRO, BUENDGENS, 2012) da Universidade da Região de Joinville, nos apresentam um encantador e reflexivo diálogo entre preconceitos e adolescentes do Ensino Médio, enquanto vão dialogando com as muitas formas pelas quais são tomados os preconceitos vão nos trazendo muitas possibilidades de reflexão. Demonstram o quanto os jovens estão preparados para discutir sobre a temática, entretanto, concluem que há uma escassez dessas discussões na escola e sugerem que se faz necessário que a temática da diversidade que leva a preconceitos seja trabalhada com mais frequência no contexto escolar. O trabalho das autoras nos abre uma reflexão, inclusive, sobre os silenciamentos que a escola faz diante do assunto, não por que queira silenciar, mas muitas vezes por receio de provocar outros mal-entendidos, como por exemplo nas discussões de gênero. O trabalho alerta para nossa responsabilidade enquanto professores.

No artigo “Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares”, publicado na Revista Educar em Revista, da autora do Grupo de Pesquisas Educação, Ensino e Aprendizagem Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MATOS, 2012), a autora nos mostra a necessidade de discutir acerca da relação “exclusão/inclusão”, das diferenças vistas como especificidade do ser humano e da afetividade que considera aspecto imprescindível para aprendizagem com a qual também concordamos. Dos ensinamentos mais expressivos que a autora nos traz, percebemos a possibilidade de compreensão de que é possível acreditar que o imaginário social e coletivo que exclui pode ser modificado a partir de estímulos a empatia, a autoestima e a autoconfiança.

No artigo “Complexidade do ser humano na formação de professores”, publicado no e-book Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas, os autores apresentam uma reflexão sobre a complexidade do ser humano como um elemento importante a ser considerado no processo formativo de professores (SONNENVILLE; JESUS, 2009). Segundo os autores a definição do papel, da função e dos elementos constitutivos da profissão professor (ideias, objetivos, código de ética, regulamentações, conhecimentos específicos, preparação técnica, pedagógica, política, formação acadêmica), as condições de trabalho e salariais, as políticas públicas para reformas educacionais, a docência como carreira, a autonomia e participação nas instâncias educacionais são constructos fundantes no processo identitário do professor. Possibilitam que reflitamos o quanto todos esses elementos apresentam em si, uma complexidade e de como são exigidos a um único ser: o professor

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo foi investigar nos bancos e catálogos pesquisas realizadas e publicadas sobre os caminhos de pesquisadores na seara da in/exclusão social e da sociopoética. Muito provavelmente, o mais difícil, talvez tenha sido encontrar trabalhos que pudessem contribuir com nossos anseios iniciais de pesquisa, onde os processos de in/exclusão fossem tratados de forma ampla e para todos. Fomos percebendo que, de alguma forma, alguns trabalhos ampliam percepções e, outros, trazem possibilidades de buscas em novos caminhos, sem perder o foco na compreensão mais ampla sobre significações possíveis para inclusão social.

Ao estarmos diante de nosso estado da arte, enfim, conseguimos construir uma espécie de plano geral de visão sobre nosso desejo de pesquisa. Ao ler cada um dos trabalhos observamos os lugares de escrita de seus autores, os lugares de suas falas e preocupações, suas visões de mundo que ao cruzarem-se com as nossas possibilitaram-nos mais inquietações e apresentaram-nos importantes teóricos com os quais também teremos que dialogar como forma de ampliar conhecimentos, saberes e fundamentos para nossos argumentos de pesquisa.

Todos esses diálogos iniciais com pesquisadores de todas as regiões brasileiras ratificam nossas inquietações, revelam que não estamos sozinhos e que é preciso discutir e pesquisar na área da in/exclusão social e suas implicações no contexto escolar. O grande desafio ficará no caminho que pretendemos trilhar com o uso da metodologia da sociopoética, dado o número expressivamente pequeno de trabalhos nesta perspectiva metodológica.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R. C, BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora: 1994.
- CORDEIRO, A. F. M.; BUENDGENS, J. F. Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, Maringá, jan./jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 02 nov. 2017.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Revista Educação & Sociedade**, Ano XXIII, n. 79, ago./2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso: 26 nov. 2017.
- GAUTHIER, J. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba/PR: CRV, 2012.
- MATTOS, S. M. N. Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. **Revista Educar em Revista**, n. 44, Curitiba, abr./jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000200014&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 02 nov. 2017.
- MITTLER, P; MITTLER, P. Rumo à inclusão. **Revista Pro-posições**, v. 12, n. 2-3 (60-74). Campinas, 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643996>. Acesso: 25 jun. 2018.
- RAIMUNDO, O. L. A. **O direito à educação inclusiva**. 2016. Mestrado em Sistema Constitucional de Garantia de Direitos Instituição de Ensino: Centro Universitário de Bauru, Bauru Biblioteca Depositária: www.ite.edu.br. Disponível em: <https://www.ite.edu.br/cursos/mestrado-doutorado/direito>. Acesso: 02 nov. 2017.
- SILVA, A. N. **Currículo e formação integral do estudante no cotidiano escolar**. Mestrado em Educação - Instituição de Ensino: Universidade Federal do Ceará, Fortaleza Biblioteca Depositária: CENTRO DE HUMANIDADES/UNIVERSIDADE FEDERA DO CEARÁ. (2016a) Disponível: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21163/1/2016_dis_ansilva.pdf. Acesso: 02 nov. 2017.
- SILVA, K. S. **“Manobras” educativas**: sociopoetizando o aprender em movimento com skatistas do litoral do Piauí. (Dissertação – Mestrado em Educação) Universidade Federal do Piauí, (2016b), 171f. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4414797. Acesso em: 13 nov. 2017.
- SILVA, C. L.; LEME, M. I. S. O papel do diretor escolar na implantação de uma cultura educacional inclusiva. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n.3, Brasília, (2009). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000300006&lng=pt&nrm=iso Acesso: 02 nov. 2017.
- SONNENVILLE, J. J.; JESUS, F. P. Complexidade do ser humano na formação de professores. In: NASCIMENTO, Antonio Dias; HETKOWSKI, Tania Maria. **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009. (295-320) Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/jc8w4/pdf/nascimento-9788523208721.pdf>. Acesso: 02 nov. 2017.